DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

O URBANISMO E O RURALISMO

J. GUIMARÃES DUQUE

A FORMAÇÃO DAS CIDADES

Muitas povoações nordestinas, mais tarde cidades, tiveram o seu estabelecimento iniciado no período colonial e no Império, pelas construções de fortes para a defesa do inimigo de aldeias de índios ou currais de gado, da exploração de minas de ouro e diamante, de casas-grandes ou sedes de fazendas, de igrejas e de colégios. Outras surgiram em redor de engenhos de cana e ao longo dos rios.

Entre as que tiveram origem nas fortificações, sem desprezar os outros fatôres do estabelecimento, estão:

Salvador, Bahia, Forte de Todos os Santos — 1549. Sede de Govêrno — 1573.

(1) Olinda — Recife, Pernambuco, Fortaleza — 1536, Sé — 1542. Cidade — 1676. (1) João Pessoa, Paraíba, Forte S. Felipe, S. Tiago — 1584. Sede de Govêrno — 1756. (1) Natal, R. G. Norte, Forte — 1598. Cidade sem ter sido vila — 1608 (1) (2), Russas, Ceará, Forte do Jaguaribe — 1701. Comarca — 1872 (1) Fortaleza, Ceará, Forte de N. S.ª da Assunção — 1726. Sede de Govêrno — 1799. (1)

Cidades que provieram de aldeias de índios ou de currais de gado:

Caravelas, Bahia, aldeia — 1610. Cidade — 1855. (1)

Mocha, hoje Oeiras, Piauí, aldeia — 1676. Sede de Govêrno — 1758. Cidade — 1761. (1) Juàzeiro, Bahia, aldeia — 1706. Cidade — 1878.

---

(1) Sinopses dos Municípios Brasileiros — IBGE.

(2) História do R. G. do Norte — Luís da Câmara Cascudo.

Cabrobó, Pernambuco, aldeia antes de 1762. Comarca — 1852. (1)

Canindé, Ceará, aldeia — 1775. Capela — 1785. Cidade — — 1914. (1)

Pesqueira, Pernambuco, aldeia antes de 1800. Fazenda — 1800. Cidade — 1880.

Açu, R. G. Norte, curral — 1696, comarca — 1833. (1)

Currais Novos, R. G. do Norte, curral — 1700. Vila — 1890. (1)

Aracaju, Sergipe, aldeia S. Antônio do Aracaju — 1669. Início da cidade — 1855. (1)

Mineração de ouro e diamantes que contribuiu para formar cidades:

Jacobina, Bahia, mineração — 1652. Cidade — 1880. (1)

Brumado e Rio de Contas, Bahia, mineração — 1721. Vila — 1877. Cidade — 1923. (1) (3)

Lençóis, Bahia, mineração — 1844. Vila — 1858. (1)

Fazendas que se transformaram em cidades:

Iguatu, Ceará, fazenda — 1719. Cidade — 1883. (1)

Sobral, Ceará, fazenda Caiçara — 1742. Cidade — 1841. (4)

Piancó, Paraíba, aldeia ? — 1676. Fazenda — 1748. Cidade — 1933. (1)

Exemplos de capelas e igrejas que formaram cidades:

Simão Dias, Sergipe, capela — 1655. Cidade — 1890. (1)

Campina Grande, Paraíba, igreja — 1698. Cidade — 1864. (1)

Moçoró, R. G. Norte, capela — 1772. Comarca — 1861. (1)

Patos, Paraíba, capela — 1772. Cidade — 1895. (1)

Crateús, Ceará, capela depois de 1721. Comarca — 1826. (1)

Salgueiro, Pernambuco, igreja — 1835. Cidade — 1898. (1)

Caruaru, Pernambuco, capela antes de 1864. Comarca — 1867. (1)

Petrolina, Pernambuco, igreja — 1860. Cidade — 1895. (1)

Arapiraca, Alagoas, igreja — 1855. Comarca — 1949. (1)

Itaberaba, Bahia, capela — 1817. Cidade — 1897. (1)

Conquista, Bahia, capela — 1783. Cidade — 1891. (1)

Feira de Santana, Bahia, capela — começo século 18. Município — 1838. (1)

Cidades que tiveram início com colégio ou convento:

Cajàzeiras, Paraíba, Colégio do Pe. Inácio de Sousa Rolim — 1843. Cidade — 1876. (1)

Japoatã, Sergipe, convento jesuíta — 1630. Município — 1926.

Exemplo de engenho de cana que formou capital:

Maceió, Alagoas, engenho — 1611. Vila — 1815. Comarca — 1833. (1)

---

(3) **Uma Comunidade Rural no Brasil Antigo** — Licurgo Leite Filho.

(4) **História de Sobral** — D. José Tupinambá da Frota.

Cidades que podem ter sido formadas pelo curso dos rios e navegação fluvial:

Parnaíba, Piauí, vila — 1761. Comarca — 1833. (1)

Teresina, Piauí, tornou-se capital e cidade em 1852. (1)

Floriano, Piauí, cidade — 1879. (1)

Penedo, Alagoas, vila — 1636. Comarca — 1833. (1)

Barreiras, Bahia, vila — 1891. Cidade — 1902. (1)

Pôrto Real do Colégio, Alagoas, freguesia, 1763. Comarca — 1952. (1)

Outras povoações, vilas e cidades se formaram sob a influência do comércio. Assim, Aracati, Ceará, foi pôrto movimentado, que recebia mercadorias de fora e as mandava em carros de boi e tropas para Icó, que foi grande centro comercial, distribuidor, para outros municípios do Nordeste.

Quando mudaram os meios de transporte ou foram modificados os traçados das estradas, êsses centros perderam a importância e decaíram econômica e socialmente.

Por motivos variados, as cidades, mesmo as centenárias, tiveram pouca influência no progresso da hinterlândia, no passado. Eram poucas as escolas no sertão; os ginásios eram privativos das capitais; as universidades tardaram muito a surgir, salvo as de Recife e Salvador. As bibliotecas públicas quase não existiam. Os hotéis não tinham confôrto e as casas de família hospedavam os viajantes ilustres. Por isso, o interior não atraía os estudiosos e muitas pesquisas deixavam de ser feitas. Sòmente homens excepcionais e estudiosos devotados se aventuravam a viajar e a observar o ambiente físico, a flora e a população. Faltavam a energia elétrica, as instalações d'água e as fábricas. As fazendas não recebiam prestação de serviços das cidades; as oficinas e os hospitais eram coisa rara; os comerciantes não tinham estoque de ferramentas modernas, de máquinas, de peças, de adubos, de inseticidas, de cimento, de arame farpado e de remédios para os animais, que permitissem o melhoramento da lavoura e da pecuária. As cidades sugaram os alimentos e as matérias-primas do campo e permaneceram indiferentes ao destino do Ruralismo.

Sòmente depois de 1930 tomaram impulso as construções de rodovias, dos açudes e dos hospitais. Os estudos dos solos e a irrigação com a água dos reservatórios públicos foram iniciados pelo Serviço Agro-Industrial. A reforma do Ministério da Agricultura e a Regulamentação da Profissão do Engenheiro Agrônomo, na administração do Ministro Juarez Távora, permitiram impulsionar o cultivo das plantas têxteis, o fomento agrícola e a defesa sanitária animal e vegetal. Após 1950, foram tomadas medidas para a ampliação da rêde bancária (criação do BNB), para a produção de energia elétrica (instalação da CHESF). As novas universidades começaram a cui-

dar da especialização dos técnicos; entretanto, ainda faltam, no interior, muitos ginásios e faculdades. A partir de 1959, com a criação da SUDENE, surgiram os primeiros estudos e planos para o desenvolvimento econômico regional; porém, êsses não cogitam de articular o progresso do Urbanismo com o do Ruralismo; as medidas em prol de um e de outro são independentes. Como vemos, demoraram 450 anos, depois da descoberta, as providências mais sérias e eficazes para o progresso do Nordeste.

O RURALISMO

O Ruralismo, como aqui entendido, é o conjunto das questões da população campesina, em relação ao ambiente, à comunidade e à profissão agrícola. É um têrmo nôvo que surgiu da necessidade de definir, numa palavra, os problemas rurícolas mais do ponto de vista humano.

O Urbanismo é a expressão usada na Arquitetura para sintetizar o estudo das cidades no sentido físico, funcional, higiênico etc. Nós queremos o vocábulo — Urbanismo — para focalizar os aspectos da vida humana aglomerada, as ocupações e as tendências.

Nos últimos tempos, o Urbanismo tem sido encarado por alguns como antagônico do Ruralismo e vice-versa. Aquêles que julgam que o melhoramento da Agricultura depende da maior disponibilidade de mão-de-obra consideram o êxodo dos moradores do campo e o crescimento das cidades como sendo o nosso grande mal. Outros pensam que quanto mais depressa diminuir a mão-de-obra da lavoura mais acelerado será o ritmo do desenvolvimento econômico. A verdade está no meio-têrmo. A absorção dos braços ativos do setor primário pelos outros ramos de atividade é ou deve ser realizada em função da criação de novos empregos e em concordância com o progresso da Agricultura. A mobilidade da população, manifestada na migração, é um fenômeno natural e facultado pelo regime democrático. O êxodo dentro e para fora do Nordeste tem as seguintes causas: 1) aumento da população; 2) sêcas periódicas; 3) procura de salários mais altos; 4) divisão das fazendas; 5) busca de colégios para os filhos, confôrto etc.

O homem do campo vive cada hora de sua vida, no meio da família, da lavoura, do gado, dos vizinhos e dos moradores, alternando o trabalho com as relações comerciais e as diversões na mesma comunidade. Os membros da família cuidam dos serviços, do equipamento, do transporte, dos alimentos, da roupa, da casa, da luz, da água e até dos enterros. Êle quer tanto bem às suas plantas, aos seus animais, à sua terra como ama a sua família. Os seus sentimentos, quanto aos sêres vivos que o rodeiam, são misturados com os pensamentos da rotina dos seus afazeres. Por isso êle recebe, nas suas decisões, influên-

cias insuspeitas da comunidade porque instintivamente procura estar de acôrdo com ela, quer manter a sua posição social e não deseja perder prestígio perante os seus, os amigos e os vizinhos.

A escola, o banco, o mercado e a farmácia ficam distantes e êle é forçado a suprir de algum modo as necessidades nas emergências. Nos casos de doença lança mão dos remédios caseiros, de conselhos e das receitas verbais das pessoas mais acreditadas. Não é fácil dar instrução aos filhos: as escolas estão longe, os maiores não dispõem de tempo ou de instrução para alfabetizar os menores e os serviços requerem a ajuda de todos. Os descendentes aprendem dos pais e dos avós as práticas tradicionais de trabalho e os costumes da conduta por um processo orgânico transmitido pelo sangue, pela audição, pela visão, pelo olfato, pelo contato e pela imitação. É herdada uma concepção da vida e do mundo com base no sossêgo, na harmonia, no baixo nível das aspirações e na satisfação das necessidades mínimas. Assim, é criada e fortalecida a tradição profissional e social. Nascendo e vivendo no mesmo círculo da linha do horizonte, as gerações se sucederam de modo isolado, sem a presença de elementos estranhos portadores de outros conhecimentos, de hábitos e de técnicas que, por contato ou imitação, pudessem influenciar a evolução para padrões mais elevados de existência. A sociedade tradicional, rural, formou um conceito de viver e do Universo que é diferente daquele do urbanista que nasceu e viveu sob o influxo do modernismo ou sob o domínio das fôrças da Civilização. A Agricultura é mais do que uma arte, uma profissão e uma técnica; é um modo de vida. O agrônomo, o engenheiro, o médico e os outros profissionais diplomados, que têm a responsabilidade moral e cívica de melhorar as comunidades atrasadas, formaram-se, em geral, de muita ciência e de pouco humanismo. Colocados na missão de atender aos matutos, êles carecem de uma fase de preparação e de compreensão das tarefas importantes.

Cada comunidade é uma colmeia merecedora de interpretação nas relações dos seus membros e nos desejos mais queridos. Se para o fazendeiro pode bastar o fomentador agrícola, para a família pobre do lavrador ou do morador já se torna imprescindível a ação do extensionista e do antropólogo mais junto do caboclo para conquistar-lhe a amizade e a confiança, a fim de que o ensinamento das práticas agrícolas seja aceito e adotado. Não é fácil ao diplomado assumir uma atitude conciliatória e humilde para ajudar o sertanejo nas suas dificuldades; são indispensáveis as boas qualidades humanas e o espírito messiânico para o êxito da missão. A ajuda àqueles que labutam na produção dos alimentos e das matérias-primas precisa ser intensificada pelos médicos, advogados, juízes, comerciantes e industriais. Não bastará o atendimento da saúde e a cooperação da Justiça; os industriais e comerciantes devem pagar as safras pelo preço justo quanto à qualidade e se convencerem de expor à venda, no interior,

todos os materiais e artigos que as operações modernas exigem, como: adubos, inseticidas, sementes, ferramentas, máquinas, peças, remédios, vacinas etc.

O URBANISMO

As cidades têm as múltiplas funções de ser as sedes do Govêrno, centros administrativos, pontos industriais, órgãos comerciais, centros religiosos e universitários. No Nordeste, as capitais absorvem tôdas essas atribuições; salvo poucos exemplos, as cidades do interior não têm expressão econômica, educativa e administrativa. Algumas delas foram privilegiadas pelos meios de transporte e favorecidas na distribuição das mercadorias para outros núcleos populacionais. No interior faltam os grandes centros de consumo, as fábricas, os colégios, as faculdades superiores, e, sobretudo, aquêle poder decisivo das providências para a solução mais pronta dos problemas locais. As capitais, como centros de comando das decisões administrativas, ficam muito longe para perceber as questões sociais de cada ambiente.

O litoral acumulou a arrecadação dos impostos, as sedes bancárias e fábricas; sugou o grosso do numerário em circulação. Êsse crescimento se efetivou sem a correspondente melhoria da administração pública para atender aos reclamos sertanejos. As capitais nordestinas, copiando as grandes metrópoles, estão tendendo para a macrocefalia em detrimento dos municípios do interior. Os técnicos franceses estão apontando os centros nervosos das capitais como alvos prediletos de destruição pela bomba atômica; julgam êles que os países novos devem espalhar o desenvolvimento econômico e social nas regiões adequadas, com cidades de tamanho médio e, tanto quanto possível, auto-suficientes.

Nos Estados do Piauí até a Bahia, os censos do IBGE indicam uma taxa geométrica de crescimento anual de 4,8% para a população urbana e 1,2% para a população rural. As 8 capitais nordestinas tinham, em 1950, 1.763.227 habitantes e apresentaram, em 1960, 2.428.312 habitantes, ou sejam, 665.085 pessoas a mais, em 10 anos.

Não somos contra a mobilidade social; verificamos que a "inchação demográfica" das capitais não foi acompanhada pelos fornecimentos de água, de esgôto, de calçamento, de transportes coletivos, de casas, de colégios, de hospitais e dos abastecimentos de gêneros alimentícios. Não encontrando condições adequadas, ela criou os mocambos onde, a despreparação das famílias para o viver coletivo, provocou a promiscuidade e a insalubridade higiênica com a conseqüente inquietação social.

Se tivéssemos, anteriormente, buscado um equilíbrio do desenvolvimento nas cidades "chaves" do interior, possivelmente teríamos evitado o agravamento das condições de vida nas capitais.

A complementariedade das indústrias é muito focalizada no planejamento econômico; sem negar o seu valor, achamos que a super-urbanização, provocada pelo agrupamento fabril nas capitais, trará muitos inconvenientes. Um dêles é o prejuízo de outras regiões do Estado que não terão fábricas. Outro é o congestionamento dos transportes de matérias-primas e de mercadorias. Ainda outra inconveniência é a concentração do consumo d'água. Distribuindo as atividades fabris pelas cidades "satélites" facilitaremos a solução de muitas questões.

UMA POSSÍVEL HARMONIZAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO URBANISTA E RURAL

Seria recomendável escolher, no interior do Estado, as cidades "chaves" servidas pelas rodovias ou ferrovias ou cruzamentos, onde os campos adjacentes ou próximos facilitassem maior produção agrícola e pecuária, com abundância d'água e, nelas, articular todos os serviços de melhoramento urbanístico e rural com as providências dos Governos Federal, Estadual e Municipal, através das repartições especializadas nos ramos da Agricultura, da Engenharia, da Medicina, da Instrução, da Educação etc. Os homens de prestígio, os empresários e os comerciantes seriam convocados a participar da ação criando as Juntas de Melhoramento da Comunidade. Essas cidades primazes seriam completadas, se necessário, com as rêdes de energia elétrica, de água, de esgôto, os colégios, os hospitais, os hotéis e as oficinas; aí floresceriam as casas comerciais, as agências bancárias e as fábricas. Os lavradores encontrariam, aí, para as compras no tempo certo os adubos, os inseticidas, as máquinas, as ferramentas e todos os insumos carecidos para a adoção das novas práticas ensinadas pelos agrônomos. O financiamento, a escola, o colégio, a faculdade e o hospital estariam ao alcance do matuto. A eletrificação rural seria irradiada para as fazendas em tôrno, em círculos concêntricos, cada vez mais largos. O fomento agrícola, a extensão rural, a erradicação das endemias, a alfabetização, a conservação das rodovias e a prestação de outros serviços (silos, armazéns e mercados locais) seriam conjugados para melhor atendimento. Essas cidades "satélites" ou pólos de desenvolvimento tornar-se-iam centros de decisões, evitariam as demoras das providências vindas das capitais, seriam as geradoras do impulso progressista com a expansão para as áreas em tôrno.

Ligado o destino da população rurícola à da cidade, as famílias do campo teriam mais acesso ao equipamento moderno de trabalho, ao colégio, ao hospital, ao mercado e ao banco; seria mais rápido o reparo da maquinaria nas oficinas e seriam criados grandes centros de consumo.

Selecionando as atividades e os investimentos no progresso harmônico das cidades com os campos pouparemos verba, tempo e pessoal técnico, que são os fatôres escassos na região.

Vinculadas, assim, as medidas para o desenvolvimento urbano-rural, teremos formado o ambiente propício para o lançamento da Campanha de Esclarecimento da Opinião Pública com o apoio da Junta de Melhoramento da Comunidade Municipal. Consiste esta Campanha em levar à família atrasada as noções do desenvolvimento econômico, da higiene, do civismo, da conservação dos alimentos, do valor da instrução dos filhos, da necessidade de conservar os recursos naturais, da importância de escolher bons representantes, e outros assuntos. Empregando o cinema, o rádio, a TV, os jornais e as preleções nas reuniões e nas feiras, lançaremos no espírito do povo os incentivos e a compreensão dos assuntos para atrair a sua cooperação ao esfôrço desenvolvimentista do Govêrno, dos empresários e dos técnicos.

PADRE FRANCISCO VALDIVINO NOGUEIRA

PROF. VALDIVINO DE CARVALHO

Senhor Presidente do Instituto Histórico do Ceará.

Senhores membros desta Casa.

Um dia, pelo mês de abril de 1866, um homem, agigantado no físico e na fôrça, chegou, com a espôsa pejada, às margens do Jaguaribe e, erguendo-a nos braços acima da cabeça, atravessou o rio em caudal. Não houve tempo para alcançar a casa do Sr. João José de Oliveira, e ali mesmo, debaixo daquela enorme tamarineira verde, numa cama de varas, feita às pressas, nasceu uma criança. O homem agigantado era o agricultor Valdivino de Sousa Nogueira e a senhora, D. Maria Joana Nogueira. O recém-nascido era o futuro padre Francisco Valdivino Nogueira. O menino Francisco Valdivino conviveu com seus pais até os 14 anos, à margem de outro rio — o Pacoti — na cidade de Redenção, ouvindo-lhe o marulho manso, nas sombras das umarizeiras.

Que destino! Dois rios embalaram nascimento e vida de um jovem que seria a expressão máxima da Retórica, no seu tempo! Não teriam ficado, nos refolhos d'alma, o estuo e o sussurro daquelas águas, na eloqüência comum dos elementos?! Por que o homena-

geado de hoje empregou os dotes oratórios que a Providência lhe deu, através de tôda a vida, com a devida eficiência.

Voz, estatura física, gesticulação, linguagem, asseio de forma, senso de arte — todo êsse material califásico — foram para Valdivino Nogueira instrumentos manejados com aprumo. Quando Fortaleza precisava de um intérprete, dirigia-se ao vigário de Cascavel. E vamos logo a um comprovante:

"Prezado colega e amigo pe. Valdivino

Cascavel

Afetuosas saudações

Estive ontem com o Exm.º Sr. D. Joaquim a fim de pedir-lhe seu valioso e precioso concurso nas festas do Tricentenário (31 de julho); êle aceitou de braços abertos a idéia e prometeu que celebraria soleníssimo *Te Deum*, associando-se de melhor vontade à comemoração todo o Clero Cearense.

Vou agora rogar ao ilustre amigo e colega da Academia queira aceitar a grande mas bela tarefa de ser o orador sacro.

Seu nome é o apontado por todos, todos desejam ouvi-lo e admirá-lo nesse dia que nos recorda fato de tanta relevância e valor.

Agradecendo de antemão subscrevo-me com particular estima. amigo, colega e admirador

Barão de Studart."

19-6-1903.

A conseqüência dêsse convite foi a "Oração Sacra", pronunciada, na Catedral de Fortaleza, a 31 de julho de 1903. No dia 6 de agôsto do mesmo ano, o jornalista João Brígido comentava, no "Unitário":

"A oração que, do púlpito, proferiu o Sr. Padre Valdivino, na festa de 31, foi uma peça de eloqüência pouco ouvida nesta terra, ou nunca ouvida de lábios cearenses. O público geralmente ficou surpreendido de que tivéssemos um tal orador, porque não estava bem certo de uma verdade; vem a ser que em todos os ramos de talentos, saber e aptidões, o Ceará conta alguma notabilidade, espírito supino, na altura do que de melhor possua o resto do País. Orador também tinhamos nós, orador comparável ao padre Brito, e no caminho do renome, que ficou para Sampaio e Montalverne, se porventura procurar as culminâncias do púlpito nacional, para dali dirigir-se ao País inteiro.

"A oração do Sr. Padre Valdivino, trabalho inteiriço e duma correção sem jaça, merece a maior divulgação e deve perpetuar-se para modêlo da oratória sagrada. Rico de imagens, felicíssimo nos apropósitos, limado e ajustado à tese, em molde que guarda os contornos da lógica, salienta e aprimora as doutrinas da fé; o sermão do dia 31 dominou e arrebatou todo o imenso auditório, em meio de um profundo silêncio, que traduzia convencimento e compunção.

"Há grande embaraço em consorciar a ciência com as religiões.

Fê-lo, porém, o pregador cearense com sutileza e rara habilidade, sem chocar nenhuma convicção. Era orador, ao mesmo tempo mestre, que expunha e concluía, ensinava e insinuava em frase sempre grandíloqua, sem tropêço nem hesitação, a voz firme e sonora, gestos e movimentos que valiam frases, se não períodos inteiros dum livro meditado. O exórdio foi nobre e alevantado, dulcíssimo aos ouvidos, grato aos corações; a peroração prostrou o auditório, para levantar-se em pêso e abraçá-lo!

"Seus próprios desafetos com nobreza o fizeram.

"Avassalados às suas palavras, vencidos do seu mérito, mudamente confessaram que não diriam tão bem cousas tão santas e elevadas, quem não tivesse um caráter de pérola, um talento de eleição, uma ciência profunda dos homens de Deus.

"Foi um triunfo; mais que isso: foi uma honra para o Ceará a oração proferida na festa de Pedro Coelho. Também abraçamos o grande orador."

Mas, meus senhores, que é a "Oração Sacra"?

É uma tese sôbre o Ceará, dentro da sua temática social, dividida e mtrês partes: martírio, heroísmo e espiritualidade do povo cearense.

E por êsse trio passa tôda a história do Ceará, numa análise serena, mas segura, enriquecida de tropos, de galas retóricas, de enfeites estilísticos, tudo calcado em linguagem sólida e correta.

O desenrolar de cada capítulo da tese começa por um conceito, que se tornou conhecido no mundo intelectual cearense: "A história do Ceará é um poema de dores, porque a vida dos cearenses é um martírio de três séculos." (*Sic.*)

O outro tema assim se inicia: "Senhores. A glória do povo cearense é cair como um mártire e levantar-se como um herói." (*Sic.*)

O terceiro e último é: "A ciência sem Deus é uma blasfêmia, e a ciência com Deus é uma prece! Nós amamos a ciência, mas adoramos a Deus." (*Sic.*)

O todo da "Oração Sacra" ocupou um bloco inteiro de papel de carta, em manuscrito, e foi conflado à memória em oito dias, e sem diminuição dos trabalhos paroquiais.

A crítica do tempo apontava o padre Valdivino como seguidor do barroquismo do lusitano Alves Mendes e do espanhol Emílio Castelar. Na sua *História da Literatura Cearense*, mestre Dolor Barreira expende o seguinte juízo:

"Infelizmente quase tôdas elas (as orações do Padre) se ressentem da imoderada influência de Alves Mendes e Emílio Castelar — oradores em voga naquela época. O padre Valdivino procurou, mesmo, imitá-los, do que resultou tornar-se a sua frase excessiva, com lastimável prejuízo do seu pensamento." (*Op. cit.*, pág. 158.)

De fato. Viva imaginação, leitura vasta, memória angélica, na-

tural influência do romantismo e do lirismo, no mundo mental do Ceará, por volta de 1897, são fatôres que levaram o professor de Retórica do Seminário da Prainha a um estilo pomposo nos festões de linguagem, a um recheio pesado de enfeites gongóricos.

Mesmo assim, na majestade do período longo, as orações não perdem a sonoridade rítmica, nem o embalo da musicalidade final.

Quem não sente, Senhores do Instituto, a beleza dêste poema em prosa, sôbre o amor!

"Amar é viver, amar é sentir, amar é ter a intuição maravilhosa dos grandes segredos da vida, é compreender genialmente o que há de belo no grande livro da natureza. Quem não ama não vive; quem não ama não sente; quem não ama não compreende, não pode compreender a beleza infinita do eterno poema da criação, que Deus escreveu para o homem no fulgor da aurora, no brilho dos astros, no azul do firmamento, no silêncio das selvas, no rugido da fera, no gorjeio da ave, no perfume da flor, no marulho da vaga, na grandeza do mundo!"

Todos os sermões do padre Valdivino Nogueira trazem o sinête do seu lirismo. *A Falência da Razão*, a *Cruz na História*, *A Dignidade da Mulher no Cristianismo*, *o Bispo e o Século* — lições autênticas de filosofia da História mas, aqui e ali, entremeando o argumento com o bucólico, trazem êsses estudos os vôos da sua imaginação, constantemente fugindo à natural aridez da dialética.

Até seus trabalhos de imprensa traem o gôsto do enfeite. No belíssimo artigo "Ai! meu Deus!", sôbre o padecimento cruel de um colega, em sua residência, em Cascavel, escreve assim: "Apagou-se-lhe, de vez, o nume divino do rosto venerando e desfez-se a expressão varonil da fisionomia aberta e simpática sob a ação corrosiva e desfibradora de uma chaga pavorosa! A palavra, distintivo essencial da realeza do homem, o instrumento criador das maravilhas dos mundos, a palavra morreu naqueles lábios sagrados, que o câncer inutilizou para a encarnação vitoriosa do pensamento.

"A língua rubra e sã, perfeitamente conservada, que, no defluir de tantos anos consagrados à salvação das almas, disse coisas divinas da misericórdia altíssima do Céu, emudeceu para sempre no horror indizível do véu palatino desfeito." (*Sic.*)

Acho que ficastes, Senhores do Instituto, com idéia aproximada do vosso antigo companheiro, neste cenáculo de estudo e pensamento, do menino que viveu sob a cantiga das águas de dois rios cearenses, que soube transmitir, na dimensão de seu talento e na mentalidade do seu tempo, a beleza do verbo oratório.

Domingo próximo, dia 24, transcorre o centenário dêsse nascimento pitoresco, debaixo de uma tamarineira.

Obrigado pela oportunidade feliz que me destes de dizer-vos algo sôbre êle.